

01.07

SALA 210
ESMAE

INES QUINTAS

VIOLINO

FESTIVAL MIA



PROGRAMA

Claude Debussy (1862-1918)

Sonata para Violino e Piano (14')

Allegro vivo

Intermède (Fantasque et léger)

Finale (Très animé)

Johann S. Bach (1685 -1750)

Partita no 2 - Chaconne (14')

Igor Stravinsky (1882 -1971)

Suite Italienne (18')

Introduzione

Serenata

Tarantella

Gavotta con due variazioni

Scherzino

Minuetto

Finale

Músicos intervinientes:

Bernardo Soares, piano



FESTIVAL MIA



NOTAS DO PROGRAMA

Sonata para Violino e Piano de Claude Debussy

A Sonata para Violino e Piano de Claude Debussy, composta em 1917, representa uma das suas últimas contribuições para o repertório de música de câmara. Criada durante um período de grande adversidade pessoal e histórica, no contexto da Primeira Guerra Mundial, esta obra integra um ciclo incompleto de seis sonatas que o compositor planeou para diferentes instrumentações, tendo completado apenas três.

A sonata divide-se em três andamentos: Allegro vivo, Intermède (Fantasque et léger) e Finale (Très animé). Cada andamento demonstra a capacidade de Debussy em explorar novas possibilidades tímbricas e harmónicas, caracterizando-se por uma escrita inovadora e requintada, em consonância com o estilo impressionista que o consagrou. O primeiro andamento, Allegro vivo, apresenta uma estrutura cheia de energia e vitalidade, com melodias que se entrelaçam num diálogo dinâmico entre o violino e o piano. O Intermède, com a sua indicação de “Fantasista e leve”, oferece um contraste com o seu carácter caprichoso e delicado, enquanto o Finale, “Muito animado”, conclui a obra com um espírito exuberante e virtuoso.

Esta sonata é notável pela sua densidade expressiva, riqueza melódica e subtileza rítmica. Debussy faz uso de um leque sonoro variado, onde as nuances e os contrastes sonoros são explorados ao máximo. O diálogo entre o violino e o piano é marcado por uma interação refinada, refletindo a atenção minuciosa do compositor aos detalhes de timbre e dinâmica. A escrita de Debussy, embora fiel às suas raízes impressionistas, também prenuncia elementos de modernismo que influenciariam gerações subsequentes de compositores.

Chaconne para Violino, Johann S. Bach

A Chaconne em ré menor constitui a quinta e última secção da Partita No. 2 para violino solo (BWV 1004) de J. S. Bach, composta por volta de 1720. Esta obra-prima é amplamente reconhecida como um dos maiores desafios técnicos e interpretativos para os violinistas, sendo igualmente um profundo exercício de expressão emocional e musical.

A Chaconne é constituída por algumas variações sobre um baixo ostinato, iniciando-se de forma imponente e desenvolvendo-se numa vasta gama de expressões e texturas. Bach explora ao máximo a capacidade do violino solo, criando uma polifonia implícita e uma riqueza harmónica que transcende as limitações do instrumento. A profundidade emocional da Chaconne tem suscitado grande fascínio ao longo dos séculos.

Muitos críticos e músicos especulam que Bach a terá composto em resposta à morte prematura da sua primeira esposa, Maria Barbara, embora esta teoria careça de confirmação histórica. Independentemente da sua inspiração, a Chaconne permanece uma obra poderosa e intemporal sobre o sofrimento e a redenção.

A interpretação da Chaconne exige não apenas uma destreza técnica excepcional, mas também uma sensibilidade profunda para captar as nuances emocionais e a monumental arquitetura da obra. É uma jornada musical que conduz o ouvinte através de uma paisagem sonora rica e variada, deixando uma impressão duradoura de beleza e introspeção.

Suite Italienne para Violino e Piano de Igor Stravinsky

A Suite Italienne para Violino e Piano de Igor Stravinsky é uma adaptação da música do seu ballet Pulcinella, que por sua vez se baseia em obras atribuídas a Giovanni Battista Pergolesi e a outros compositores italianos do século XVIII. Composta na década de 1920, esta suíte representa uma expressão emblemática do estilo neoclássico de Stravinsky, no qual o compositor revisita formas e estilos do período barroco, fundindo-os com a sua linguagem harmónica e rítmica moderna.

A Suite Italienne é constituída por vários andamentos, cada um inspirado em danças barrocas: Introduzione, Serenata, Tarantella, Gavotta con due variazioni, Scherzino, Minuetto e Finale. A Introduzione inicia a obra com um vigoroso e solene carácter, estabelecendo o tom para os andamentos seguintes. A Serenata oferece um contraste suave e lírico, enquanto a Tarantella se destaca pelo seu ritmo enérgico e vivaz. A Gavotta con due variazioni exhibe uma elegância dançante, complementada por variações que exploram diferentes texturas e tonalidades. O Scherzino é leve e espirituoso, preparando o ambiente para o Minuetto, com toda a sua graciosidade. A suíte culmina com o Finale, uma expressão de vitalidade rítmica e exuberância melódica.

A Suite Italienne é um exemplo brilhante da abordagem neoclássica de Stravinsky, caracterizada pela reinterpretação das formas antigas através de uma lente moderna. Através desta obra, Stravinsky consegue captar a essência do espírito barroco e simultaneamente incorporar a sua própria voz distintiva, resultando numa peça fascinante e desafiante tanto para o intérprete como para o ouvinte. A clareza formal, elegância melódica e complexidade harmónica e rítmica da suíte não só sublinham a habilidade técnica do compositor, mas também a sua profunda compreensão e respeito pela tradição musical.